

A SINGULARIDADE ENTRE A PSICANÁLISE E O DISCURSO CIENTIFICISTA: HÁ MARGEM DE LIBERDADE DO SUJEITO?

Isabel Tatit

Contato com a autora: i_tatit@hotmail.com
Orientadora: Profa. Dra. Miriam Debieux Rosa
Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica
Nível do trabalho: Doutorado

Introdução

Em trabalho anterior (TATIT, 2012)¹ revelamos um deslizamento que vai de um discurso sobre a solidão que a toma como manifestação patológica de subjetividades mal adaptadas ao corpo social, a uma abordagem psicanalítica da matéria, considerando-a como uma experiência essencialmente simbólica e que pode favorecer as manifestações singulares do sujeito. Nesse novo trabalho surge o interesse de aprofundar as reflexões teóricas sobre a noção de singularidade para a psicanálise de Freud e Lacan que aparece, muitas vezes, como contraponto ao discurso médico cientificista. Que singularidade é essa, posto que a psicanálise compreende o sujeito sempre enredado nos fenômenos sociais? De que forma as estruturas clínicas teorizadas por Freud e Lacan, bem como a teoria dos discursos desse último autor dialogam com a noção de singularidade? Entendemos ser necessário precisar rigorosamente essa concepção, pois seu estatuto ético diante dos mecanismos de homogeneização pode se deslocar convenientemente para significações próximas às dos ideais de liberdade e auto-suficiência.

Objetivo

Visamos analisar rigorosamente a noção de singularidade para a psicanálise de Freud e Lacan. Nosso intuito é delinear suas implicações éticas e políticas no que se referem ao diagnóstico clínico, distinguindo singularidade de noções associadas à autonomia e ao individualismo. Nesse sentido, pretendemos responder à seguinte questão: de que se trata essa experiência singular do sujeito como forma de se enlaçar no campo social?

Método

Faremos uma revisão bibliográfica nas obras de Freud e Lacan focalizando noções que tocam os diversos registros da singularidade. A partir desse material realizaremos uma leitura crítica tendo em vista nossas questões a respeito das distinções entre singularidade e individualismo/auto-suficiência.

Resultados parciais e Discussão

Já em 1895, Freud afirmava que é em relação a seus semelhantes que o sujeito aprende a conhecer. Também Lacan, desde seus primeiros seminários abordou o

¹ TATIT, I. Do discurso de isolamento a uma experiência de solidão. Dissertação de mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2012.

inconsciente estruturado como uma linguagem, portanto, sempre marcado pelo Outro. Assim, criticava veementemente o que nomeou “profilaxia da dependência”, pois a entendia como um ideal de liberdade (LACAN, 1959-60). Por outro lado, há alguns “portos seguros” do campo psicanalítico quando se empenha em valorizar a particularidade de cada sujeito na crítica ao discurso cientificista, a saber: a separação do Outro, margem de liberdade, singularidade, sinthoma, nome-próprio, entre outros. Quais os cuidados necessários para não nos hipnotizarmos pelos ideais de liberdade, auto-suficiência ou pelo individualismo que tanto criticamos?

Considerações parciais

Ao nos referirmos ao reconhecimento pelo sujeito de sua particularidade de gozo por meio de acepções que privilegiam o “inegociável de cada um”, “o que escapa das identificações”, o “impensável”, deixamos de lado o papel fundamental da inscrição da singularidade no laço social, aspecto ressaltado por Lacan ao conceituar o sinthoma. Para evitarmos que a importância dada à singularidade pela psicanálise deslize para uma práxis imersa em ideais de autonomia e auto-suficiência, devemos realçar o enodamento desse modo particular de gozo, ou seja, sua inscrição no laço social.

Palavras-chave: Autonomia. Ética. Clínica. Diagnóstico.